

BREVE ENSAIO SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇA NA PÓS-MODERNIDADE**BRIEF ESSAY ON IDENTITY AND DIFFERENCE IN POST-MODERNITY**Laíne Rocha Moreira¹**RESUMO**

O manuscrito traz reflexões sobre identidade e diferença, recorte de um tema de pesquisa ainda em desenvolvimento, o qual se propõe investigar sobre “identidade, representação e educação para as relações étnico-raciais: perspectivas de professores de Educação Física do município de Altamira, sudoeste do Pará”. objetiva discutir acerca de identidade e diferença no contexto da pós-modernidade, subsidiado a partir das leituras de principais aportes teóricos: Identidade em questão (HALL, 2001) e Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual (WOODWARD, 2014), a condição pós-moderna (LOYTARD, 2009); visto que tais análises podem contribuir para provocar aspectos inerentes a (re)construção da identidade marcada pela diferença em contextos interculturais, a partir de práticas pedagógicas desenvolvidas por professores de Educação Física na escola. Conclui que a identidade vem sendo ressignificada a partir das relações sociais, das interações entre as pessoas, das mudanças econômicas provenientes do capitalismo, das formas de representar, dar significado ao outro e dos novos contornos culturais provocadas pelas modificações nos modos de ser do sujeito. Por isso, destacou com base nos autores analisados, que a identidade não é fixa e sim marcada pela diferença.

Palavras-chave: Educação. Identidade. Diferença. Pós-modernidade.

ABSTRACT

The manuscript brings reflections on identity and difference, part of a research theme still under development, which proposes an investigation over “identity, representation and education for ethnic-racial relations: perspectives of Physical Education teachers in the municipality of Altamira, southwest of Pará”. It aims to discuss identity and difference in the context of postmodernity, supported by readings of the main theoretical contributions: Identity in question (HALL, 2001); Identity and difference - A theoretical and conceptual introduction (WOODWARD, 2014); the postmodern condition (LOYTARD, 2009), since such analyzes can contribute to provoking inherent aspects to the (re)construction of the identity marked by the difference in intercultural contexts, based on pedagogical practices developed by Physical Education teachers at school. It concludes that identity has been re-signified from social relations, interactions between people, economic changes arising from capitalism, ways of representing, giving meaning to the other, and new cultural contours brought about by changes in the subject ways of being. Therefore, based on the analyzed, the study highlighted that identity is not fixed but marked by difference.

Keywords: Education. Identity. Difference. Post-modernity.

Data de recebimento: 02/09/2021.
Aceito para publicação: 23/03/2022.

1 INTRODUÇÃO

Trata-se de um ensaio apresentado como requisito avaliativo na disciplina de Educação e Pós-modernidade, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

O texto traz reflexões sobre identidade e diferença, recorte de um tema de pesquisa ainda em desenvolvimento, o qual se propõe investigar sobre “identidade, representação e educação para as relações étnico-raciais: perspectivas de professores de Educação Física do município de Altamira, sudoeste do Pará”.

Nessa perspectiva, o objetivo do presente manuscrito é discutir acerca da identidade e diferença no contexto da pós-modernidade, subsidiado a partir das leituras de principais aportes teóricos: Identidade em questão (HALL, 2001) e Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual (WOODWARD, 2014), a condição pós-moderna (LOYTARD, 2009); visto que tais análises podem contribuir para provocar aspectos inerentes a (re)

¹ laine.educacaofisica@hotmail.com

construção da identidade marcada pela diferença em contextos interculturais, a partir de práticas pedagógicas desenvolvidas por professores de Educação Física na escola.

É notório enfatizar que o propósito não é apresentar um arcabouço enrijecido, mas proporcionar possibilidades contestáveis para refletir acerca da identidade e diferença na era considerada pós-moderna.

2 DESENVOLVIMENTO

Para iniciar o diálogo cabe destacar aspectos do pós-modernismo. Lipovetsky (2004, p. 52 apud GALLO, 2008, p. 37-38) cita o neologismo pós-moderno tem uma intenção: “salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas”. Por mais que o propósito seja oferecer um conceito denso de pós-modernidade, a afirmação do autor tende a considerar que o termo pós-moderno tem sido utilizado para destacar uma intensa expansão dos meios de consumo e da comunicação de massa, que de forma direta, pode contribuir para atenuar as diferenças entre grupos e provocar a formação de outras identidades.

Adiante, o mesmo autor chama atenção e convida a problematizar a expressão pós-moderno, pois para ele parece “ambígua, desajeitada, para não dizer vaga”, considerando que era “evidentemente uma modernidade de novo gênero que tomava corpo, e não uma simples superação daquela anterior”. Desta forma, o conceito dito “pós-moderno dava oxigênio, sugeria o novo, uma bifurcação maior, hoje, entretanto, está um tanto desusado”, visto que, “no momento em que triunfam a tecnologia e a genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo pós-moderno já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que anuncia” (LIPOVETSKY, 2004, p. 52 apud GALLO, 2008, p. 38).

Na visão do autor, o período que marca a pós-modernidade já teria atendido certos objetivos, porém encontra-se esgotada, na medida em que outras expressões assumem destaque como hipermodernismo, hipermodernidade, hipercapitalismo, hiperpotência, entre outras, que expressam a sensação de modernização desenfreada, marcada pela mercantilização quase generalizada dos modos de vida, da desregulamentação econômica, da exploração da razão e da individualização galopante. Por tais razões, na percepção do autor, a pós-modernidade aparece como um projeto inacabado, considerando neologismo o emprego da expressão pós-moderno, pois para ele, parece que estamos condenados a viver uma eterna modernidade, dado os equívocos provocados pela nova era.

Momo e Costa (2010, p. 965) trazem o conceito de pós-modernismo e destacam que “diz respeito a uma movimentação que ultrapassa amplamente os domínios exclusivos da arte e da estética, expandindo-se para as demais esferas da existência contemporânea”. Os mesmos autores ainda relacionam o pós-modernismo “a uma cultura que põe em interação economia e vida social e individual em constantes combinações e recombinações [...], que não engendra apenas uma nova condição existencial, ele produz novos modos de ser e de viver, outros sujeitos”.

Lyotard (2009) no livro “A condição pós-moderna” expôs, de maneira intencional, conjecturas que permitiam compreender o pós-modernismo como uma “transformação radical na maneira como o saber é produzido, disseminado e reconhecido, nas áreas mais avançadas do capitalismo contemporâneo.

Para Lyotard (2009, p. 13) o cenário pós-moderno despreza a concepção de visão do saber científico, uma vez que “a fonte de todas as fontes chama-se informação e a ciência – assim como todas as modalidades de conhecimento – nada mais é do que um certo modo de organizar, estocar e distribuir certas informações”.

Por isso, Loytard (2009) acrescenta que o cenário pós-moderno é marcado pela sua “vocação” informática e informacional, que vê a ciência como um conjunto de mensagens possíveis de serem traduzidas em quantidades de (bits) de informação.

Neste contexto, a pesquisa científica passa a ser condicionada pelas possibilidades técnicas da máquina informática. Assim sendo, a atividade científica deixa de ser aquela práxis que, segundo a avaliação humanístico-liberal, especulativa, investia na formação do espírito, do sujeito razoável, da pessoa humana e até mesmo na humanidade. Com ela, o que vem se impondo é a concepção da ciência como tecnologia intelectual, ou seja, como valor de troca e por isso, desvinculada do produtor (cientista) e do consumidor. Uma prática submetida ao capital e ao Estado, atuando como essa particular mercadoria chamada de força de produção (LOYTARD, 2009, p. 10).

Então, com base no pensamento do autor, a marca da pós-modernidade, enquanto condição cultural, encontra-se na rejeição das metanarrativas ou metadisursos direcionados para explicar o conhecimento científico, pois nesse sentido, a contribuição da ciência para a ascensão da humanidade deixa de ser justificada, ao conceber o saber como fonte de conhecimento capaz de explicar verdades universais. Assim, é possível discutir as novas perspectivas inerentes ao processo de legitimação da ciência como fonte inesgotável de conhecimento.

Face ao exposto, o ensaio situa em uma posição pós-moderna para enfatizar aspectos sobre a formação da identidade e diferença de sujeitos na sociedade multicultural. Ainda, para contestar hábitos culturais dominantes e ao mesmo tempo, lançar reflexões comprometidas, com a ascensão de práticas sociais que possam desconstruir noções estereotipadas em relação à raça, cúmplices de metanarrativas políticas situadas na marcação da diferença como elemento fundante da classificação atribuída à muitos indivíduos em analogia à cor.

Com efeito, as concepções sobre a identidade e diferença têm desdobramentos importantes no tempo. Hall (2001, p. 07) considera que “a questão da identidade está sendo extensamente discutida”, visto que as “velhas identidades - que por tanto tempo estabilizaram o mundo social - estão em declínio, fazem surgir novas identidades”, o que gera a chamada “crise de identidade”.

Dessa forma, o autor enfatiza a existência de novos modos de pensar a identidade, por estas serem “descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (p. 08) e suas prováveis consequências são provocadas pelas transformações das sociedades modernas. Por isso, para Hall (2001, p. 09) esse deslocamento se desenvolve, pois:

Um tipo diferente de mudança estrutural está formando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito.

Os deslocamentos impulsionados por descentralizações da posição social e cultural dos indivíduos é que constitui para o autor a “crise da identidade”, gerada “quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2001, p. 09).

Nesse contexto, poder-se-ia dizer que a condição pós-moderna, marcada por mudanças econômicas e novos contornos culturais provocam modificações nos modos de ser do indivíduo, especialmente na sua identidade, visto que na pós-modernidade, regimes de certezas são desestabilizados, o que se observa são questionamentos acerca de

contestações de verdades absolutas, abaladas em detrimento de novos modos e pensar, agir e produzir conhecimento.

Sob esse prisma, Hall (2001) considera que são exatamente essas coisas que estão contribuindo para a fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno. Uma identidade formada não por uma única, mas de várias, muitas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Assim, Hall (2001, p. 12) afirma:

As identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso”, como resultado de mudanças estruturais e institucionais.

Esse processo desestabilizado produz um sujeito sem identidade fixa e permanente, a qual está em constante processo de resignificação, e nesta ação, torna o sujeito com identidades deslocadas, por isso, o mesmo autor destaca que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (p. 13).

Com base na ideia exposta destaca-se que as identidades estão sendo pautadas em sistemas de significação e representação cultural, marcada por constantes mudanças. Para o autor, à medida em que esses sistemas de significação e representação se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desorientada e cambiante de possíveis identidades, que por vezes, podem provocar diversas maneiras de identificação, mesmo de forma temporária (HALL, 2001).

Ao falar sobre identidade, somos convidados a pensar sobre representação, como destaca Silva (2008, p. 89), “a identidade é um significado - cultural e socialmente atribuído. A teoria cultural expressa essa mesma ideia por meio do conceito de representação”, que “é concebida como um sistema de significação” (p. 90).

Nesse sentido, Silva (2008) considera que é por meio da representação que a identidade se liga a sistemas de poder. “É por isso que representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade” (p. 91). Questionar a identidade significa questionar as relações de representação e poder que lhe dão sustentação. Por isso, cabe, na crítica sobre a construção da identidade, a crítica sobre as formas de representação perpetuadas.

Para Hall (2016), p. 31) “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma cultura”. Desse modo, representar envolve o uso de signos e imagens que significam. Representar significa simbolizar alguma coisa, dar sentido as coisas, por isso representação diz respeito a produção de sentido pela linguagem. É importante destacar que representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo por meio da imaginação e o uso dos sentidos que criamos em nossa mente (HALL, 2016).

Corroborando, Silva (2008, p. 96) traz o conceito de identidade e destaca:

A identidade não é fixa, estável coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação.

Isso significa dizer, que a identidade do sujeito está em constante processo de modificação, orientadas por vezes, pelos significados e representações que se atribuem às transformações provocadas pela sociedade atual.

Ainda sobre o conceito de identidade, Hall (1997, p. 26) explicita a relação entre a centralidade da cultura e formação da identidade do sujeito como ator social ao destacar:

O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas.

Por isso, Woodward (2014) destaca que a identidade é relacional, depende de algo fora dela para existir, a saber, de outra identidade, que entretanto fornece condições para sua existência. "A identidade é assim, marcada pela diferença" (p. 09), por meio dos símbolos que atribuem aos outros e as coisas.

"A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, entre nós e eles" (WOODWARD, 2014, p. 42). A autora acrescenta que a marcação da diferença é um componente-chave de qualquer sistema de classificação, visto que "cada cultura tem suas próprias e distintas maneiras de classificar o mundo" (p. 42), e sua maioria, sob forma de oposições binárias. "Essa concepção de diferença é fundamental para compreender o processo de construção cultural das identidades" (p. 50).

Todavia, parece estranho quando esse sistema de classificação, fixa-se sobretudo, na valorização do mais forte em detrimento do mais fraco, na hegemonia da raça, na diferença de gêneros, na diversidade étnico-racial, nas pessoas com limitações físicas e nas consideradas "normais", entre outros.

De outra parte, a diferença é marcada, com base em significados construídos a partir da valorização, em sua maioria, dos mais habilidosos em relação a outros, considerados mais frágeis. Esse processo é, sobretudo, pautado na significação atribuída ao outro como melhor e, nas relações de poder exercidas sempre pelos mais capazes, que acabam por atenuar o abismo entre povos de culturas distintas e as classes sociais.

Por isso, Woodward (2014, p. 51) destaca que "uma característica comum à maioria dos sistemas de pensamento parece ser, portanto, um compromisso com os dualismos pelos quais a diferença se expressa em oposições cristalinas - natureza/cultura, corpo/mente, paixão/razão".

Ainda acerca do sistema de classificação binário, Derrida (apud WOODWARD, 2014) considera que nas oposições binárias, a própria dicotomia é um dos meios pelos quais o significado é fixado. Através das dicotomias, o pensamento - em especial o europeu - tem garantido a permanência das relações de poder existentes. O que parece determinado é, em verdade, fluido e inseguro, sem fechamento algum e sem a rigidez das oposições binárias.

Outro aspecto que merece ser analisado, está relacionado à marcação da diferença construída com base na diminuição do outro. Como observa Woodward (2014, p. 50) "a diferença pode ser construída negativamente - por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como "outros" ou forasteiros". Nesse aspecto, merece destaque a produção da diferença entre raças, marcada pela supremacia da cor branca em relação ao negro. Por isso, a construção da identidade étnico-racial deve ser problematizada, na tentativa de desestabilizar sectarismos atribuídos à cor, pautados em significados construídos com base na valorização da hegemonia da raça branca.

Dessa forma, o diálogo sobre identidade e diferença podem apontar novas questões com foco na diversidade étnico-racial, pois permite buscar respostas para a compreensão de como os significados atribuídos às pessoas e as coisas podem influenciar na construção identitária do sujeito. Além disso, pode contribuir para desestabilizar relações de poder pautadas em sistemas binários que fixam na superioridade de uns em detrimento de outros.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse ensaio, ousamos dizer, com base nos autores citados que a identidade vem sendo ressignificada a partir das relações sociais, das interações entre as pessoas, das mudanças econômicas provenientes do capitalismo, das formas de representar, dar significado ao outro e dos novos contornos culturais provocadas pelas modificações nos modos de ser do sujeito. Ainda, destacamos que a identidade é algo (re)construído diariamente, de modo geral, provocada pelo repensar constante as condutas, práticas e o significado atribuídos ao outro, inserido em uma sociedade pós-moderna.

Sem apresentar um resumo detalhado, o manuscrito discutiu conceitos de identidade e diferença apoiados em autores que aprofundam e debatem as acepções inerentes à temática, ao traçar uma relação com novas formas de representações arroladas em sistemas de classificação binários que por vezes, fixam posições hegemônicas. Por isso, destacou que a identidade não é fixa e sim marcada pela diferença.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 7-76.

HALL, Stuart. O Espetáculo do Outro. In: HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Trad. MIRANDA, D; OLIVEIRA, W.. Rio de Janeiro: Edipuc-Rio. 2016

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo | Hall | Educação & Realidade

GALLO, Sílvia. Pesquisa em educação: o debate modernidade e pós-modernidade. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 3, n. 1 – pp. 33-58, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6151/4510> Acesso em 06 jul de 2021.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, pp. 3- 76

MOMO, Mariangela. COSTA, Marisa Vorraber. Criabças escolares do século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.965-991, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/NBpzTPtSzby3Dvf3ZP9fFGh/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 04 jul de 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 73 -103

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 7- 72.